

Apresentação

Com satisfação, apresentamos o volume 35, n.2, da revista *O Eixo e a Roda*, que reúne dezesseis estudos dedicados a investigar as complexas dobras da prosa brasileira, desde as tensões oitocentistas até as contemporâneas. O percurso proposto por este volume evidencia como os escritores das obras aqui analisadas articulam as contradições da história nacional com soluções artísticas diversas.

Abre este volume o artigo “A clivagem estrutural de ‘Lucinda – a mucama’, de Joaquim Manuel de Macedo: escravidão e recategorização da narrativa sentimental”, de Rodrigo Cerqueira. O autor demonstra como Macedo opera uma “clivagem estrutural” ao tentar inserir a urgência da questão servil nos moldes do romance sentimental, revelando o temor da elite senhorial diante de um sistema que, embora lhes garantisse lucro, era percebido como algo capaz de corromper a ordem doméstica. Na sequência, em “O imperador como vilão: a representação de Pedro II no romance *As Joias da Coroa* (1882), de Raul Pompeia”, Larissa de Assumpção analisa a representação satírica do imperador Pedro II na obra em questão. Segundo a estudiosa, Pompeia utilizou o suporte do folhetim e o impacto de um roubo real ocorrido no Palácio de São Cristóvão para construir uma narrativa que retratava o monarca como um vilão corrupto, sintonizando a ficção com o crescente ideário republicano da década de 1880.

Em seguida, estaremos diante de estudos que abordam o século XX. O trânsito entre a província e a modernidade florescente é o foco de Arthur Vonk em “Crônica do primeiro Braga (1928-1933)”, que resgata a produção inicial de Rubem Braga na imprensa capixaba. O artigo expõe como o jovem cronista começou a forjar sua voz pessoal, equilibrando-se entre o comentário político e o pitoresco cotidiano, em um processo fundamental para a formação da crônica moderna brasileira. O artigo seguinte, formulado por Thaynah Betini e Gaspar Leal Paz, intitulado “A melancolia como inflexão estética em Clarice Lispector”, toma a melancolia como categoria estética para analisar *Água Viva* e as correspondências de Clarice, argumen-

tando que a “experiência negativa” opera ali não como impasse, mas como impulsionadora de indagações subjetivas e de uma lucidez que a escrita transmuta em potência crítica.

Ainda sob a constelação clariciana, o estudo seguinte, de Fabrício Lemos da Costa, “Os vegetais de ‘Onde estivestes de noite’, de Clarice Lispector: a política da parte maldita”, explora a imaginação botânica no conto em questão. O artigo descreve como as representações de vegetais “malditos” e ásperos podem atuar como uma crítica às normas sociais aprisionadoras do corpo, configurando uma política da ficção que celebra o erotismo e a liberdade individual. É também no interior da grande prosa modernista brasileira que se situa o estudo seguinte, “Vida mínima e território sem mando: o sentido histórico dos últimos contos de Guimarães Rosa”, de Maurício Reimberg. Reimberg encontra nos contos de *Tutameia* a estruturação de comunidades endógenas e “territórios sem mando”, onde a vida mínima e o devaneio se impõem como recusa à racionalidade instrumental e ao progresso urbano, apresentando um “país oculto” que não deseja a integração aos moldes burgueses.

Passamos, então, para os estudos às voltas com o golpe civil-militar de 1964: Leonardo Brandão de Oliveira Amaral investiga as dimensões arquivais de *Sempreviva* em “‘Dia da caça, dia do caçador’: o arquivo convulsionante da ditadura brasileira em *Sempreviva*, de Antonio Callado”. O autor investiga como o romance processa a relação entre memória e ditadura por meio de consciências fraturadas e de uma narrativa aberta, à espera, como propõe o autor, de um “porvir consumidor” que cabe ao leitor habitar. A vida cultural sob o regime militar continua a ser esmiuçada por Rubens Corgozinho em “O caso Lúcia McCartney: considerações sobre a vida cultural brasileira sob o Regime Militar a partir de um conto de Rubem Fonseca”. O texto discute as contradições da modernização acelerada, bem como a convivência da indústria cultural estrangeira com o moralismo conservador, fato que impacta figuras como a jovem prostituta Lúcia.

Já o ensaio de Matheus Araújo Tomaz, “‘Como será o amor das pessoas rudes?’ – Alguns apontamentos sobre a prosa de Cacaso”, aponta para a crise do “nacional-popular”. Por meio da análise dos contos “Inclusive... aliás...” e “Buziguim”, o autor demonstra a falência da malandragem como potência utópica e a distância intransponível entre o intelectual e o povo, revelando a violência implícita nas relações sociais brasileiras durante a ditadura. Tal violência também é analisada por Arnaldo Franco Júnior em “Tortura e desaparecimento forçado no conto ‘Dôia na janela’, de Roberto Drummond”. Articulando literatura e cinema, o artigo explora como o conto utiliza recursos como *zoom in* e *close-up* para representar, de forma ambígua, a tortura e o desaparecimento forçado, desafiando o leitor a assumir uma posição interpretativa diante do terror de Estado.

Chegamos, então, à contemporaneidade: o corpo feminino e o estigma da prostituição são os temas centrais da análise do artigo “Um corpo em ruínas ou o estigma da prostituição, em *O voo da guará vermelha*, de Maria Valéria Rezende”, de Juliane de Sousa Elesbão. O estudo focaliza Irene, cujo corpo marcado pelo HIV e pela violência estrutural torna-se o lugar de uma subjetividade que, mesmo na iminência da morte, insiste no desejo de amor como forma de dignidade. As potencialidades de resistência da palavra ancestral são abordadas por Fabiana Carneiro da Silva em “Desafiar a porta do não retorno: os provérbios negro-diaspóricos de Carolina Maria de Jesus e Mãe Stella de Oxóssi. O estudo evidencia como essas “oralituras” negro-diaspóricas mobilizam os saberes tradicionais como estratégia ética e política de restituição de uma vida comunitária no Brasil.

No campo das identidades dissidentes, Flávia Campos e Flávia Benfatti analisam a prosa de Amaira Moira em “Seios para eles: crise da masculinidade e fármaco-necropolítica em ‘Ginecomastos’”. Por meio do conceito de “fármaco-necropolítica”, as autoras mostram como a crise da masculinidade hegemônica se articula com a vulnerabilidade extrema de corpos travestis em uma economia desigual de desejos e acesso à saúde. Caminhando para o encerramento, o romance de Victor Heringer, *O amor dos homens avulsos*, é analisado por Bruno Abrahão Soares dos Santos sob a ótica da invenção de um bairro, o Queím. O artigo propõe que a escrita atua como um lugar de retorno e sobrevivência de afetos, onde a memória de uma perda pessoal se espacializa em uma geografia afetiva brasileira. Em seguida, o artigo de Kátia da Costa Bezerra, “O segredo das larvas: a espacialização do poder em um mundo distópico”, analisa o romance de Stefano Volp como uma distopia crítica sobre raça, gênero e poder, mostrando como os espaços da narrativa funcionam tanto como mecanismos de dominação quanto de resistência. O número encerra-se com o artigo de Gilda Brandão, “Insólito e dandismo na ficção de João do Rio”, em que se examina a presença do insólito na ficção do escritor carioca e sua interlocução com o dandismo finissecular. O estudo evidencia como João do Rio mobiliza a crueldade, a excentricidade e a experiência urbana para construir uma obra singular no panorama da prosa brasileira do início do século XX.

Ao longo deste volume, os leitores encontrarão diferentes modos de pensar a prosa brasileira e suas relações com a forma literária, a história, a política: acreditamos que os estudos aqui reunidos mostram como a literatura segue sendo um espaço privilegiado de elaboração crítica da experiência social brasileira. Esperamos que este conjunto de trabalhos contribua para ampliar o debate em torno da prosa brasileira e estimule novas leituras das obras e autores aqui analisados. Desejamos a todos uma excelente leitura.

Junho 2026,

Carolina Serra Azul Guimarães